

atenção do leitor pela mescla de uma prosa poética com cenários da dura realidade compartilhada com quem acompanha sua descrição. O autor fala da delicadeza da vida, da fragilidade do corpo, do trauma do desaparecimento e da morte, como faz a equilibrista que manobra suas varetas com proeza e confronta o espectador com o apagamento de sua obra. Eduardo constrói seu texto com fortes imagens que vão compondo uma escultura que nos esforçamos para não esquecer, talvez por se tratar justamente da transitoriedade da existência.

Teresa Ciudad (Peru) nos diz que o esquecimento, como recurso diante da impossibilidade de experimentar a dor, remete ao drama do desvelamento da memória como parte do exercício do luto e também, ao delicado trabalho do analista de abordar o esquecido e acompanhar o sofrimento pessoal e social na difícil tarefa de recordar.

Trabalho que, para a autora, passa por reviver a raiva e a impotência que a humanidade sente diante do drama coletivo da pandemia, por transitar pela dor dessa experiência, chorar pelos que se foram; fazer o luto das perdas que vivemos.

A autora aborda a problemática da pandemia aludindo ao esquecimento como recurso vinculado a mecanismos defensivos. Aponta para a possibilidade de os analistas ajudarem a elaborar e a apostar no trabalho de reconstrução na esfera social, e que é a memória – e não o esquecimento – que permite continuar vivendo.

A ênfase do texto é posta na necessidade de recorrer ao esquecimento quando se torna impossível vivenciar a dor. Aponta para a importância de uma postura respeitosa diante do esquecimento de um sofrimento, tanto na clínica quanto no convívio social.

Paola Amendoeira (Brasil) convoca-nos à memória de Virgínia Leone Bicudo e o seu esforço para retirar da invisibilidade e do desaparecimento o sofrer psíquico provocado pelo preconceito racial.

O texto de Paola é uma homenagem à mulher pioneira, de personalidade forte, negra, socióloga e psicanalista que ajudou a implementar e a promover a psicanálise no Brasil. A obra de Virgínia tratou de de-

nunciar o racismo em uma época em que dominava a ilusão da democracia racial nacional. Contudo, a sua cor e o seu sofrimento pessoal decorrente do racismo parecem ter continuado invisíveis, por várias décadas, aos olhares externos.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 4). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1986). O mecanismo psíquico do esquecimento. Em J. Salomão (org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 3, pp. 315-326). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1898).



Liana Albernaz de Melo Bastos*

O fort-da da democracia no Brasil

Em 1915, Ernst brincava com seu carretel. Tinha um ano e meio. Era o primeiro filho de Sophie, a mais bonita das filhas de Freud.

O *Fort Da*, o primeiro jogo autocrado, como a ele se referiu Freud (1920/1985), tornou-se célebre em *Além do princípio do prazer*. A ação enigmática e repetida acompanhada de algumas palavras e sons, que despertava tanto prazer e alegria em Ernst, levou Freud a buscar uma compreensão. O carretel simbolizava a mãe. Ao mandá-la embora (*Fort*) Ernst exultava. Em seguida, ele a trazia de volta (*Da*) e o jogo terminava para logo ser reiniciado. Freud concluiu que o prazer deste jogo consistia em trocar a passividade da experiência de ser abandonado pela mãe por atividade. Era Ernst quem, pelo *Fort Da*, determinava a presença e ausência materna.

Cinco anos depois, Sophie morreu de pneumonia e Ernst ficou aos cuidados de sua tia Anna. Tornou-se, como o avô, psicanalista, dedicando-se ao estudo das relações precoces entre o bebê e a mãe (Roudinesco e Plon, 1998).

Também um outro avô, Chico Buarque, contou na canção para seu neto, Chico Brown, dos sentimentos do bebê na presença-ausência materna:

Que horas você volta?

*Seu beijo nos meus olhos, seus pés
que o chão sequer não tocam.
A seda a roçar no quarto escuro
e a réstia sob a porta.*

*Onde é que você some?
Que horas você volta?*

*Quem é essa voz?
Que assombração
seu corpo carrega?
Terá um capuz?
Será o ladrão?
Que horas você chega?*

*Me sobre novamente as canções
com que você me engana.
Que blusa você, com o seu cheiro
deixou na minha cama?
Você, quando não dorme,
quem é que você chama?
(Buarque e Guinda, 1998, 50s-1m59s)*

[...]

*No sonho de quem
você vai e vem
com os cabelos
que você solta?
Que horas, me diga que horas, me diga.
Que horas você volta?
(2m15s-2m36s)*

Chico Brown, como seu avô, é músico. O que Freud e Chico Buarque trataram, com linguagens diferentes, é da angústia que se apossa de todos os bebês – e dos bebês que continuam em nós – de serem abandonados e esquecidos. O que é temido é a ausência daquele/daquela que cuida e ampara. A ausência – e para os bebês esse tempo é todo o tempo – é equivalente a uma morte. “O tempo alongado da espera retarda o instante em que o outro poderia oscilar secamente da ausência à morte” (Barthes, 1977/1981, p. 94).

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

A ausência desse outro, seu desaparecimento, sua morte, nos remete à impotência:

Sua ausência é para mim a realidade [...]. É quando eu sei que você não está aqui, que você me deixa, me deixou, vai me deixar. Eis o meu princípio de realidade, a necessidade mais exterior, toda a minha impotência. Você marca para mim a realidade e a morte, ausente ou presente, aliás, (você está sempre aqui, lá, indo, vindo), isso dá no mesmo, você me marca, você me significa a realidade como a morte, você as nomeia ou as aponta. (Derrida, 2007, pp. 204-205, citado por Mello, 2018, p. 102).

O outro pode desaparecer, morrer. Mas o bebê também pode ser esquecido. No jogo de esconder, há o desejo de descobrir o objeto ou de ser descoberto. Mas, há também o temor de não ser descoberto.

Esta é a lógica paradoxal que Winnicott (1965/1990) apontou no brincar: “É uma alegria estar escondido e um desastre não ser encontrado” (p. 186).

Em 1938, após longas negociações com os nazistas, Freud e parte de sua família conseguiram ir para a Inglaterra. O flagelo nazista que assolou o mundo parecia ter sido sepultado no final da Segunda Guerra Mundial. Ledo engano.

As raízes autoritárias antidemocráticas rebrotaram pouco tempo depois. A América do Sul foi terreno fértil. Ao golpe civil-militar no Brasil, em 1964, seguiram-se outras ditaduras apoiadas pelos Estados Unidos da América. Em todas elas, os desaparecimentos forçados de milhares de opositores políticos foi prática habitual como política de Estado. A tortura instituída mutilou física e mentalmente outros milhares. A arbitrariedade das prisões criou um clima de terror.

No Brasil, a Lei da Anistia (Lei nº 6.683, 1979) permitiu, por um lado, o retorno de quinze mil brasileiros exilados; por outro, todos os crimes cometidos pelos agentes do Estado foram anistiados. A impunidade dos executores e seus mandantes resultou na permanência e crescimento de filhotes destes tempos sombrios. Porque disso nos esquecemos, como todo recalcado, retornou.

Quando da votação do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016, Jair Bolsonaro, então deputado federal, dedicou

publicamente seu voto ao coronel Ustra, torturador de Dilma quando presa política.

A ascensão da extrema direita ao poder no Brasil, em 2018, só pode ser compreendida se considerada sua matriz ditatorial. A execução, a tortura e os desaparecimentos continuam a acontecer tendo agora, como alvo preferencial, as populações pobres, negras, indígenas e periféricas. Esta necropolítica (Mbembe, 2018) reinstituiu o clima de terror. Negros e pardos somam mais de 56 por cento da população brasileira. Eles são maioria entre as vítimas de homicídio e mais de 60 por cento da população carcerária.

Há intolerância às religiões de matriz afro-brasileira e à diversidade sexual. O feminicídio cresceu. No primeiro semestre de 2020, 631 crimes de ódio foram motivados pela condição de gênero; 73 por cento das vítimas foram mulheres negras.

Associado a isto, o programa econômico ultraliberal de cortes de gastos públicos, abolição dos direitos trabalhistas, venda de empresas estatais e apoio aos grandes bancos têm levado ao desamparo milhões de brasileiros com um desemprego de 13 milhões de pessoas. A situação econômica que em 2019 já tinha um baixo desempenho tornou-se crítica com a pandemia. Pressionado, o governo federal instituiu um auxílio emergencial de 6 parcelas mensais de R\$120 mais três de R\$60 até dezembro. Dos 210 milhões de habitantes, mais de 66 milhões, com renda mensal de até R\$100, cadastraram-se para o auxílio emergencial. A desigualdade social que já era alarmante se agravou. Em 2018, 1 por cento da população ganhava 34 vezes mais do que o rendimento da metade da população brasileira.

O governo desmantelou políticas de proteção social, do meio ambiente e da saúde. Colocou militares sem qualificação técnica em postos chave. Sem política sanitária, contabilizamos, em outubro, 150 mil mortos pelo Covid-2 e quase 5 milhões de infectados.

O desmatamento e as queimadas na Amazônia atingiram 9,2 mil quilômetros quadrados de floresta nesses 12 meses, um aumento de 50 por cento em relação ao ano anterior. O fogo consumiu 25 por cento do

Pantanal até setembro, pondo em risco a maior planície alagável do mundo. Há um incentivo à mineração em áreas indígenas e um relaxamento na fiscalização. Várias lideranças foram assassinadas e os conflitos no campo aumentaram.

Neste cenário catastrófico, no entanto, nem tudo está perdido. Nem todos nos esquecemos. A resistência vem se organizando: movimentos com larga experiência em tecnologias de organização social, moradores de favela, trabalhadores da cultura, universidades públicas e centros de pesquisa. O Sistema Único de Saúde (SUS), público e universal, foi revalorizado.

Também nós, psicanalistas de várias instituições, convocados pela responsabilidade ética de pensar e agir solidariamente, estamos oferecendo atendimento gratuito à população compreendendo a potência de proteção e ajuda da psicanálise como instrumento de saúde pública (Danto, 2005/2019).

A democracia brasileira, ainda que imperfeita; que foi atirada longe (*Fort*) de maneira exultante pela extrema direita, vai voltar (*Da*). É preciso não desesperar e não esquecer. Sua morte é apenas sua ausência. Precisamos fazê-la retornar.

Que horas, me diga que horas, me diga.

Que horas você volta?

(Buarque e Guinga, 1998, 2m27s-2m36s)

REFERÊNCIAS

- Baleiro, M. C. (2007). Brincar: Aquém e além do carretel. *Cógitto*, 8, 15-19. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792007000100003
- Barthes, R. (1981). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1977).
- Chico Buarque e Guinga (1998). Você, você. Em C. Buarque, *As cidades* [CD] São Paulo, Brasil: BMG.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e justiça social, 1918-1938*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 2005).
- Freud, S. (1985). Más allá del principio de placer. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Lei Nº 6.683. Lei de Anistia. Publicada em *Diário Oficial da União* (p. 12.265, col. 2), do dia 28 de agosto de 1979. Brasil.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1.
- Mello, M. H. R. L. B. (2018). Nas dobras do Fort Da: Dobrar, tornar a dobrar, retornar a dobrar, desdobrar, dobrar... e além. *Estudos de psicanálise*, 50, 101-106. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200010&lng=pt&nrm=iso
- Roudinesco, E. e Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. (1990). Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites. Em D. Winnicott, *The maturational process and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development* (pp. 179-192). Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1965).